Vida e famosas acções do celebre Cosme Manhoso

Porto

1875

LIVRARIA DO POVO
N.º 21

VIDA E FAMOSAS ACÇÕES

DO CELEBRE

COSME MANHOSO

EM QUE SE RELATA A SUA AMBIÇÃO, TRABALHOS, MISERIAS
E LOGROS EM QUE CAIU



PORTO — EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO
RUA DOS CALDEIREIROS, 18 E 20

1875

VIDA E FAMOSAS ACÇÕES

DO CELEBRE

COSME MANHOSO

PRIMEIRA PARTE

Muitos teem sido os heroes, que no mundo se tem feito nomeados, e que tem merecido que as suas vidas fossem estampadas em laminas de bronze, uns pelas armas, e outros pelas lettras, cujas heroicas acções tem servido a que muitos, levados de um estimulo de honra, tenham sido seus imitadores; mas a presente Vida d'este, que vou a descrever, só servirá para não ser imitada; pois lendo-se n'ella as infelicidades que lhe succederam, fugirão todos de serem seus imitadores, cujos trabalhos lhe sobrevieram da mesquinharia da vida, e da ambição de ajuntar.

É este o celebre Cosme Manhoso, oriundo do reino de Galliza, cuja patria d'onde os seus progenitores tiveram o seu nascimento se ignora; e a razão de nos ser occulta a pobre aldeia é porque nenhuma o quiz por filho: e se em outros tempos contenderam entre si sete cidades da Grecia, querendo todas ter por seu filho a um sabio, cá na nossa Europa contenderam quatorze aldeias sobre nem quererem ser madrastas d'este mesquinho; e assim passo em silencio este ponto, e só declaro que seu pae fora homem tão nomeado, que até caminhando para a morte mereceu ser acompanhado da Misericordia, cujos merecimentos adquiriu por usar com os caminhantes a caridade de os alimpar, e por premio conseguiu ser condemnado. Só sua mãe teve outro fim, pois por dar saída ao que o marido alimpava, veio a ter entrada na cadeia, saindo depois a correr as ruas, e a ser corrida de vaqueta, sendo depois mandada para onde não podésse usar mais do tal officio; e n'esta orphandade ficou o pequeno Cosme entregue á discrição da natureza, ora ás sôpas de uns, ora ao abrigo de outros, pois como não tinha sido parte no todo dos maus costumes dos paes, não faltava quem o abrigasse; mas á proporção que ia crescendo, se lhe iam conhecendo uns vislumbres de que em tempo nenhum poderia ser homem de probidade.

Vendo um lavrador d'aquelles sitios que Cosme já podia ganhar o sustento, occupando-se em algum trabalho, e que a ociosidade é mãe dos vicios, o levou para sua casa, e n'ella o condecorou guardador de um rebanho de ovelhas, que logo lhe entregou, dos muitos que possuia, em cujo emprego pouco tempo persistiu; porque o seu grande espirito o incitava a ver o mundo, e a trocar o agreste dos montes pelos soberbos edificios da cidade, e mais que tudo por se livrar de lhe darem em rosto com a morte do pae e

vida da mãe: e fazendo uma séria reflexão, assentou de vir até á cidade de Lisboa, aonde por muitas vezes ouvira dizer, que em outros tempos tinham vindo patricios seus, que adquiriram em pouco tempo tantos bens, que hoje na sua patria os seus successores estavam possuindo grandes morgados; e n'estas considerações de que ajuntando poderia tambem vir a ser instituidor de algum, assentou de experimentar fortuna, para o que se despediu do seu patrão, patria, amigos e ovelhas, cuidando primeiro que tudo em ajuntar o seu movel, o que feito se pôz a caminho sem ter saudades do que deixava, porque nada possuia; e enfardando tudo em uma pequena trouxa, que lhe servia de guarda-roupa, a pôz ás costas, mettendo-se na estrada real, seguindo com vagarosos passos a sua jornada, no decurso da qual se valeu sempre de pedir, por não querer imitar o pae no tirar; e quando mal se precatou se achou na populosa villa de Santarem, aonde embarcando veio aportar com feliz successo ao caes de Santarem, em Lisboa, em cujo sitio apenas chegou passou revista ao seu movel para ver se vinha tudo, o que nada lhe faltava: constava este de umas calças largas de estopa, uma camisa de tomentos, e um pellote surrão; e estando embasbacado, vendo-se em terra alheia, eis senão quando acudiram logo outros seus similhantes, mas já veteranos, uns da mesma patria, e outros vizinhos. Passadas as primeiras suas costumadas zumbaias, lhe entraram a inquirir muito por extenso as novidades da terrinha, e não estando ainda bem narrado o conduziram a uma taverna, que é a primeira sala onde estes amigos costumam introduzir e cumprimentar os seus hospedes.

Não se esqueceu Cosme de requerer áquelles irmãos da santa ganhuça a derrota que devia seguir, e por caridade lh'a insinuassem, e o mais seguro norte para a ganhança; ao que elles satisfizeram, dando-lhe sobre alguns tragos as primeiras lições da vida que devia seguir, e em que são mais certos os cobres. Logo alli o armaram de corda e saco para fazer fretes miudos, emquanto se não ageitava para a canga e molhelha, ou para outro qualquer trabalho de mais ganancia.

Decorou Cosme as suas lições de sorte que em poucos dias saiu á praça muito mais ladino que seus mestres, pois no seu tempo não houve outro igual que o desbancasse na labia de encarecer o seu trabalho, para ser bem pago d'elle; com balbuciante submissão se inculcava para os fretes, sem se desavir no porte, e feito o transporte eram tantas as caramunhas, e taes os aranzeis que arrimava, que a gente de boa avença só pelo não aturarem lhe davam o que elle queria.

Logo que começou a exercitar o trato assentou comsigo de nunca ter o pé dormente, nem o ventre farto, e jubilando nos tributos da miseria, porcaria e bandalhice, em poucos dias se consummou em tudo bandalho, condemnando-se de sua livre vontade á maior lazeira, fazendo firme proposito de nunca gastar mais de trinta réis em cada dia, e estes não se haviam de despender senão em feijões, sardinhas, azeitonas, verde, ou tremoços; porque tinha para si, que outro qualquer comer lhe causaria ancias e indigestões.

Bem via Cosme, que humanamente a sua barriga não podia aceitar um preceito tão rigoroso; mas comtudo elle lhe intimou està dura lei, e lh'a fez observar á risca contra o parecer dos seus camaradas, que muito o matraqueavam, chamando-lhe *Mirra;* ao que elle respondia: — *Quem come sem conta, vibe sem honra.* — E para dar mais algum alento sem gastar do seu, nem exceder á regra taxada, deu no

segredo de matar a fome á custa dos camaradas: espreitava quando elles iam para a taverna, e entrando atraz d'elles com a sua piranga na mão, lhes dizia que não podia comer só, e sentando-se á mesa, mettia suas historias e parouvellas até que o convidassem; e então sem se fazer grave, obedecendo dizia que não era mofino em aceitar, e assim comia como tolo, ficando mais tolos os que o convidavam. E quando em taes lances dava com algum duro seu similhante, e tão mofino como elle, dizia:

—Oh homem! as tuas soupas cheiram, que consolam; eu hei de probar.

E sem esperar nada mais enchia os couros e dizia:

—Benza-me Diós! do alheio ninguem se biu farto!

E d'estas estafas andavam já todos tão escaldados, que quando o viam á porta da taverna, ou tratavam de engulir tudo de um bocado, ou punham as mãos sobre as sôpas para as livrar do milhafre, o qual podendo não perdia occasião de fazer preza.

Era Cosme de pequena estatura, muito esperto, e prompto no comer, se o achava de tolã, e nada tinha de molle no engulir; mas como a sua taxa ordinaria fosse tão limitada, veio a transformar-se em esqueleto e a reduzir-se a tal fraqueza, que um leve bafo de vento o derrubava; por cuja causa os camaradas lhe advertiam que se não tratava de dar ao seu corpo o necessario alimento, nunca prestaria para a canga, e viria a dar em uma tysica. Muito aceitou Cosme este conselho, e para melhorar de comida deu em apreçar os comestiveis, provando de todos sem comprar nenhum. Varios contos se referiram de Cosme a este respeito, com que os outros seus similhantes passavam a vida e o tempo em galhofa, de sorte que chegou a ser conhecido na côrte por um dos homens mais celebrados na mesquinharia e bandalhice.

Assim como ia crescendo na idade, ia crescendo nos desejos de maior ganancia, e sentindo-se com alguns tostões, desenganando-se de não poder emparelhar na canga, se deitou á ganga de bofarinheiro, empregando alguns vintens em leques, fitas, pentes, dedaes, agulhas, alfinetes, e outras borundangas, que apregoava pelas ruas, no que ganhou em pouco tempo muito dinheiro; mas nem por isso foi mais liberal com a barriga, antes vendo-se com a obrigação de andar calçado, cuidou em dar maiores nós na bolsa. Quando chegou aos trinta annos, começou a ter grande fama de rico; e não era mal fundada, pois tinha, ainda que á custa do seu faminto corpo, ajuntado mais de seis mil cruzados (tanto furtou o miseravel a si mesmo).

Quando mais engolfado se achava n'aquella traficancia, em que crescia em cabedaes a olhos vistos, se prohibiram os bofarinheiros. Viu-se Cosme na precisão de mudar de trato: não faltou quem lhe dissesse tomasse o de aguadeiro, por ser traficancia em que se negociava sem empregar cabedal. Tomou Cosme o conselho e o barril; mas como se não sentiu com forças para o trabalho, nem com animo de comprar um burro, que o ajudasse, se dispôz a novo emprego.

Deixou o trato, e accommodou-se com certo cavalheiro extrangeiro para servir de escada acima: o ganho do salario não correspondia ao que tinha das bofarinhas, e isto o fazia banzar, até que deu na invectiva de vender a ração, e adquirir o sustento pelo estylo antigo. Para isto se metteu de gorra com um gentil-homem da casa, que a troco de lhe escovar o vestido, e alimpar os sapatos lhe dava os sobejos da ração, e com isso passava sem abrir a

bolsa, senão para recolher o salario e a mezada da ração que vendia.

Só quando servia á mesa de seu amo se fartava, poupando o trabalho aos moços da copa, lavando-lhe a prata que lhe caía nas mãos, mais limpa que elles a punham na mesa, e enchendo as algibeiras de tudo que sem perigo se podia guardar para o outro dia, e assim mandava bugiar aos fartos, e se contentava só com chuchar os dedos.

N'esse tempo se tratava Cosme com mais asseio, pela precisão que tinha de usar do uniforme que seu amo dava aos criados; e como elle sobre a fama de rico, não tinha a de bebedo, nem de jogador, sairam-lhe muitos casamentos, a que sempre deu de mão, temendo algum mau successo, respondendo a quem n'isso lhe fallava, que não se queria casar sem grande conveniencia, e depois o fez sem nenhuma, como logo direi.

Entre muitas senhoras, que o pretenderam para marido, foi uma que se tratava como viuva, não tendo sido casada; era mulher de bom gosto e de bastante idade, ainda que não caía da tripeça; e tinha habilidade para encobrir a idade e velhice com a industria dos adornos de sua pessoa nos limites de uma legitima, e não bastarda viuvez.

Era rica dos bens da fortuna, segundo ella dizia, e assim o affirmavam os que a quizeram ajudar a mentir, e o tratamento e fausto de casa abonava a mentira: razão por que o vulgo se adiantou a dizer mais do que na verdade era. Propozeram a Cosme este matrimonio, pintando-lhe de lindas côres a noiva, e assegurando-lhe uma boa propriedade de casas, e o melhor de quinze mil cruzados em dinheiro, joias, baixella, adornos de casa muito estimaveis.

Estes uniformes fizeram tal abalo no ambicioso animo de Cosme, que vendo-se rogado para esposo de uma mulher rica, se deu logo por casado, sem mais averiguações.

O que propunha este casamento era um zangalhão, grande tratante do alto, não só de casamentos, senão de outras mercadorias, trapaceiro jubilado, e como tal escolhido para ajustar este casamento a troco de boas luvas, que lhe tinha promettido a fingida viuva.

Tratou logo levar Cosme á mostra, para que não houvesse perigo na tardança, como quem sabia que as dilações e a morte desfazem muitos matrimonios. Entrando Cosme em casa de Eufrozina (que este nome tinha aquella harpia), ficou abysmado de ver os ricos cortinados e tapeçarias das salas, notando miudamente tanto asseio, por lhe dizerem que tudo era d'aquella senhora, que queria ser sua esposa, a qual estava em uma camara entre tantos damascos, velludos, e perfumes, tão honestamente composta em seu traje de viuva, que Cosme deu mil parabens á fortuna em lhe deparar tanta belleza e opulencia, sem lhe passar pelo pensamento que tudo era fingido, e que a ser verdadeiro não seria para elle. Estava acompanhada de duas criadas, uma de almofada, e outra da cozinha, ambas muito bem parecidas.

Admirou-se Cosme, sobre tudo, do agrado, gravidade e discrição da noiva, que pelo garbo, e pelas caricias que lhe fez, lhe pareceu a mesma Graça; pois foram tantas e tão bem representadas, que Cosme se agradou e namorou d'ellas, desfazendo-se em requebros, e mostrando o singelo coração nas mãos, em signal do seu rendimento. Mostrou-se ella cortezmente agradecida ao casamenteiro, pela mercê que lhe fazia em querel-a empregar tão bem; e para que Cosme mais facilmente caísse na armada esparrella, o convidou logo a uma merenda, em que ostentou uma

rica baixella de prata, e de tudo o mais que era preciso que se visse em uma casa tão grossa como a de Eufrozina.

Achou-se á merenda um mocetão, chamado Aleixo, muito gracioso e desembaraçado, a quem ella tratava por seu sobrinho. Serviu á mesa uma das criadas, chamada Leonor, e a outra, durante a comida, tocou uma cithara, ao som da qual cantou muito bem, sem esperar que a mandassem; porque nada tinha de acanhada, nem bizonha.

Não sei dizer no que Cosme achou mais gosto, se nos guisados, ou na musica; porque, se na doce voz de Leocadia (que d'este nome usava a cantora) teve para os ouvidos harmonia suave, na merenda achou recreio muito mais especioso para o seu estomago, tão pouco costumado a regalos, como a farturas; o que posso dizer é, que ao som da musica não fez Cosme senão comer, e sem lhe levantar testimunho, creio que elle comeu mais n'esta tarde do que em vinte dias á sua custa; pois até a mesma noiva o provocava a comer, mettendo-lhe na bôca bons bocados, e só n'isto levou elle certamente na barriga mandióca bastante para não necessitar de comer muitos dias.

Acabada a merenda, acenderam-se luzes, afinaram-se os instrumentos, e dançaram Leonor e Aleixo com tal donaire, graça e compasso, que entre as mudanças se elevaram os sentimentos de Cosme, e tão embebido e embasbacado estava com a galhofa, que estremeceu quando o corretor das desgraças (quero dizer casamenteiro) lhe disse que eram horas de repousar a senhora Eufrozina.

Despediu-se Cosme com reverentes cortezias e ternura, indo pelo caminho rendendo as graças ao inculcador; o que deixamos para na segunda parte darmos a ler o que succedeu a este infeliz no seu mal acertado casamento, em que este ambicioso tudo achou ás avessas do que viu, e cuidava; chegando a ver-se, depois de enganado, sem moveis, criadas, mulher, e sem real, que tantas fomes lhe tinham custado, promettendo relatar tudo por extenso, no que espero dar gosto aos curiosos, esperando d'esta uma boa aceitação.

SEGUNDA PARTE

É justo, curiosos leitores, que vos dê a ler a segunda parte da *Vida do celebre, mesquinho e mal afortunado Cosme Manhoso;* e se na primeira parte achastes graça e mereceu a vossa aceitação, n'esta segunda espero não acheis menos, e antes talvez acheis mais com que vos divertir, vendo o mallogrado casamento d'este infeliz, a transfiguração da noiva, e a ideia de o roubarem, vendo-se Cosme em pouco tempo casado com riqueza fingida, com formosura phantastica, e logo sem mulher, nem bens, e na ultima consternação.

Deixamos a este ambicioso, na primeira parte, na retirada para sua casa, indo da de sua futura noiva acompanhado do velhaco do casamenteiro, a quem foi pelo caminho rendendo sinceros agradecimentos pelo bom acerto que lhe inculcára; e fallando nas prendas pessoaes de Eufrozina, e nas suas riquezas, manifestando-lhe o grande desejo que tinha de se ver já na posse d'ellas, mas que depois de casado se

não queria tratar com aquella ostentação que vira; porque tanta profusão e grandeza era mais propria a um fidalgo, do que a um particular como elle; pois com a sua ração e alguma cousa mais podia passar a vida mui regalado com sua mulher, e que seis mil cruzados que tinha, e dez mil que podia ajuntar, desfazendo-se de algumas alfaias que Eufrozina tinha, bem escusadas ao seu tratamento, era melhor dal-os a juros, pois para o seu bastavam quatro colhéres, uma salva, um copo, duas facas e quatro garfos, e que tudo o mais era superfluo, e se podia poupar para deixar aos filhos, se os tivesse, ou ao sobrinho de Eufrozina, se este lhe quizesse ser sujeito e obediente, respeitando-o como pae.

Fazia Cosme estes discursos tão seriamente como se o casamento estivesse já concluido, e não houvera n'elle tantos descontos, como logo contaremos. Pediu elle ao casamenteiro que se não descuidasse d'este negocio; e promettendo-lhe premiar bem o seu trabalho, se despediu d'elle.

Voltou o casamenteiro a dar a Eufrozina conta do estado em que se achava a bem armada logração, referindo-lhe a delineada economia que acabava de ouvir ao desgraçado Cosme, encarecendo-lhe que elle era rico, usando para com ella dos mesmos grandes encarecimentos, affirmando-lhe as grandezas que a ella se lhe seguia, e grandes conveniencias que ella fazia n'este casamento, encarecendo-lhe tambem o muito que elle trabalhava, para que se effectuasse.

A noiva, que melhor do que elle sabia o negocio que fazia no engano que maquinava, metteu-lhe na mão meia moeda, como signal de premio de antes promettido, e encommendou-lhe que logo pela manhã buscasse a Cosme, lhe désse a entender que ella se julgava por mui ditosa em ser sua consorte, e que da sua parte o convidasse para vir jantar com ella, e assistir á factura da escriptura do dote.

Madrugou o casamenteiro a dar os bons dias a Cosme, que já achou desperto; porque o amor, que só na primeira vista concebeu á sua noiva, era tão grande, e já na alma lhe dava taes nós-cegos, que não o deixavam repousar; pois tudo era suspirar pela ditosa hora de se ver na posse de tanta riqueza e formosura.

Recebeu elle nos braços ao seu bom amigo (que assim chamava elle ao procurador dos seus trabalhos) e no coração as novas da sua ventura: logo vestiu a mais custosa gala, que a sua miseria lhe consentia, e acompanhou o norte das suas desgraças até casa de Eufrozina, onde foi recebido de Aleixo com respeitosas cortezias, e d'aquella sereia encantadora com affectuosas caricias. Com agradecimentos e submissões o entreteve Aleixo, rendendo-lhe as graças pelo logar que lhe dava de filho, até que chegou a hora de jantar, e não necessitou Eufrozina de gastar muitos rogos e palavras para obrigar a Cosme que fosse com ella para a mesa; antes elle rogou aos mais que o fizessem, livrando-a d'esta não pequena penalidade.

Satisfez Cosme o seu gosto no bem guisado do jantar (sem imaginar que lhe havia custar tão caro); mas não deixava de se affligir, vendo a Eufrozina tão prodiga (como quem fazia conta de pagar-se por suas mãos), parecendo-lhe a profusão da mesa desperdicio e vaidade.

Depois de comer perguntaram a Cosme se queria, em logar de dormir a sésta, jogar as cartas, visto não haver alli cama para hospedes: respondeu que servia a um cavalheiro tão bom christão e tão virtuoso, que não consentia jogo a seus criados; e que por lhe fazer a vontade nem as cartas co-

nhecia, e que além d'isso tinha para si que o não saber jogar valia muitos cruzados.

—Então, disse Eufrozina, bello exemplo é esse para meu sobrinho; toma aquelle conselho, Aleixo, e dirás a essas criadas que venham para fóra, e que tragam a cithara, porque a tarde é larga, e convem entreter o snr. Cosme com algum divertimento.

Cosme pelo que ouviu a Eufrozina, suspeitou que Aleixo fosse algum perdulario, e por isso disse:

—Se o snr. Aleixo deseja dar-me gosto, retire-se do jogo e de sair de noite fóra, porque só assim seremos amigos; e se fizer o contrario, tem muito que soffrer, porque costumo recolher-me cêdo, e não só fechar logo a porta, senão trancal-a (isto não é porque eu seja zeloso, pois ignorante é o que admitte ciumes, tendo mulher honrada), senão porque sei que as casas ricas não estão livres de ladrões; e não quero que me levem ás mãos lavadas o que me custou tanto trabalho a ganhar; isto deve ter entendido o snr. Aleixo, para ter paz commigo; e senão, como elle é moço, terá logar a emenda.

Viu Eufrozina o seu esposo tão colerico, que foi necessario valer-se das suas caricias para o desanojar, e por fim lhe disse, que se não desgostasse, porque o rapaz faria quanto lhe mandasse, pois que tinha um genio muito docil.

N'isto sairam as criadas e Aleixo com sua dança, e musica em que se passou a tarde, até que chegou um tratante, que havia de lavrar a escriptura do dote como tabellião, sendo um paralvilho de proposito buscado para fazer esta tramoia. Lavrou-se a escriptura, lançando Eufrozina n'ella doze mil cruzados de seu dote, e as casas em que morava avaliadas em seis contos de réis.

Como Cosme era bonacheirão, e despido totalmente de toda a malicia, não se metteu em mais averiguações, antes ficou tão seguro e contente, que depondo a sua auctoridade, e pondo-se em fresco, desafiou a noiva para dançar, e o fizeram ambos como ninguem.

Entretanto se chegou a hora da ceia, a qual se fez com o mesmo apparato e ostentação com que se fizera o jantar, se bem Cosme mal dissimulava a pena que lhe causava tanto gasto, julgando já, como dono da casa, que se assim se continuasse a gastar, não chegaria o dote nem para quatro dias.

Pretendeu Cosme poupar-se ao trabalho de ir a sua casa aquella noite; mas Eufrozina lhe tirou isto da cabeça, dizendo-lhe que era contra o seu recato e reputação. Satisfeito d'esta razão, sem mais instancia se retirou Cosme a dormir a sua casa, ou a velar, porque os seus novos cuidados não permittiam mais.

No dia seguinte madrugou mais do que era seu costume, e foi comprar joias e um rico vestido para a sua noiva; mas tudo comprou fiado, só por não bulir nos seis mil cruzados que de seu possuia, fazendo de conta que com isto, e com a mortalha, tinha enfeitada a noiva por toda a vida, não porque lhe viesse ao pensamento a morte da esposa, senão porque queria que ella só vestisse aquella nova gala nas principaes festas do anno, e que assim lhe duraria por toda a sua vida.

Finalmente, depois das costumadas denuncias da Igreja, se fez o grande noivado de Cosme, que de casa de seu amo trouxe os padrinhos. Elles lhe louvaram muito o bom acerto e a escolha que fizera de uma mulher de tão engraçado e lindo parecer e tão rica, pois ainda que Eufrozina era de mais idade que o noivo, contra o parecer dos philosophos da tempera velha, ella desmentia de tal modo a idade, que ajudada dos seus unguentos parecia uma rapariga de vinte e dois annos.

Feito o noivado com toda a grandeza de acompanhamento, fausto, galas, e grandioso banquete, depois do qual houve saráu, bailes e grande musica, despediram-se os convidados, deixando aos felizes noivos na sua tranquillidade; seguindo-se depois d'isto cuidar Cosme na primeira economia da sua casa, a qual principiou em vigiar janellas e portas, trancando-as muito bem, e depois entrou a ordenar a tarifa, ou regimento que se havia de observar em sua casa no que tocava a comedorias, recommendando a sua mulher muito efficaz e seriamente a execução d'elle: ordenou-lhe que, para evitar o maior gasto, e fazer-se pouca despeza, nos dias de carne fizesse ao jantar forçura, dobrada, mólhos, ou cabeça de carneiro; e á noite, figado, bofes, ou faceiras de vaca, e nos dias de jejum legumes, ou couve, cada uma d'estas cousas per si só; e á noite se podia, tendo jantado tão bem, passar com uma salada, sardinhas ou mexilhões, por serem estes alimentos, além de substanciaes, baratos, fazerem boas côres, e serem mui sadios; o que não succedia nos outros, que além de pôrem a gente em debilidade, eram nocivos á saude; e que não queria que entrasse em casa queijo, manteiga, assucar, vinho, nem geração de doce; porque eram os alimentos mais efficazes a causarem estupores; e eram estes acepipes bons para golosos! E dito isto se levantou, dizendo que eram horas de recolher, porque as candeias gastavam muito azeite, e este se vendia caro.

Com grande pachorra escutava Eufrozina estes preceitos, como quem não fazia conta de os observar; e sem replicar a cousa alguma se recolheu, e Cosme fez o mesmo.

As criadas ficaram arrumando a louça e toalhas, e de caminho murmurando da boa peça de seu novo amo, dizendo uma para a outra:

—Perdidas estamos, amiga Leocadia, pois temos a fome mettida em casa; bello traste adquiriu a senhora no seu grande casamento; mas ella que assim o quiz, ella o sentirá, e será bem feito que o sinta; pois era bem escusado casar-se, não lhe faltando nada.

—Tu, Leocadia, respondeu a outra, entendes que nossa ama não saberá ensinar este mofino? Ella não tem paciencia para viver aperreada, nem eu me sujeitarei por nenhum caso ás miserias e apertos d'este Cosme, ou come em vão: deixa-me com elles, que eu lh'a pregarei nas meninas dos olhos.

Assim discorriam, quando Cosme, que não dormia, as sentiu estar a cochichar, o qual dando-lhes dois gritos, lhe pôz o preceito de que logo logo apagassem as luzes, e se deitassem ás escuras, pois não estava o tempo para gastos desnecessarios; ao que ellas, obedecendo, assim o fizeram.

Amanheceu o dia, e levantou-se Cosme mui diligente para reconhecer as joias, moveis e alfaias de sua mulher, e tomar de tudo a desejada posse; e pondo a mão por cima d'elles, dava mil parabens á sua grande ventura. Despertou as criadas, para cada uma cuidar na sua obrigação e serviço da casa: acudiu Leocadia, perguntando-lhe por Leonor, a qual não apparecia; e dando ambos busca aos cantos das casas, por mais que buscaram, a não acharam. Espantou-se d'isto Cosme, e levantando um grande grito, chama pela mulher e diz-lhe que fugira a criada, e que depressa se levantasse para ver se lhe faltava alguma cousa.

N'estas pressas se esqueceu Eufrozina de encobrir as suas mazelas e velhice, deixando ver a sua cara encarquilhada, sua cabeça branca e calva, e a sua bôca desdentada, falta que suppria a poder de dentes postiços, com as unturas, e com um chinó que tinha; pois por boas contas estava já a noiva

mais avançada dos sessenta e cinco annos para cima, do que dos vinte e dois, que mostrava com os besuntos.

Não é necessario dizer como Cosme ficou á vista d'este espectaculo e transfiguração. Julgue-o o leitor, pois escusado é gastar palavras em cousas que a imaginação póde supprir; e só digo, que vendo Eufrozina que tinha caído no descuido de mostrar o que não quizera se visse tanto á escancara, antes de fazer averiguações nem exames, se foi para dentro pôr o seu chinó, mas com tal turbação, que em vez de o pôr como devia, o pôz ás avessas, ficando com este engano peior do que estava sem elle, e indo para vestir a saia, querendo ir ver o que lhe pertencia se faltava, e o caminho que tinha levado a criada, nem achou esta, nem o vestido, ornato, joias, e nem o proprio vestido com que se tinha desposado; porque não só com tudo isto tinha abalado, senão até que o vestido de Cosme tinha furtado n'aquella noite a tal criada Leonor, por não ir desapercebida.

O que fez Cosme n'este inesperado e desastrado caso, não ha linguas que o digam, nem pennas que o descrevam: só quem souber quanto á custa do seu corpo o havia ganhado, poderá julgar o seu sentimento, afflicção e pena, principalmente não achando elle na mulher consolação alguma; porque bastava o seu horrivel aspecto, para metter mêdo ao mesmo inferno.

Se n'ella punha os olhos, pasmava; se os voltava para outra parte, não via o seu vestido; se mettia a mão na algibeira, não achava a bolsa; com este tropel de miserias e pezares andava pela casa como doudo, dando gritos, palmadas e suspiros.

A mulher, em logar de o consolar ao menos, foi-se metter no retrete, onde tinha o toucador e o seu Jordão, e se pôz a querenar o focinho e a besuntar-se.

Entretanto se levantou Aleixo, sobrinho fingido da senhora noiva, e lhe perguntou a causa de tanta afflicção; e tanto que foi inteirado por miudo da fugida da criada, e roubo que fizera, consolou a Cosme, dizendo-lhe que se não amofinasse por tão pouca cousa, que uma só feira rica fazia um bom mercador, expôz-lhe que todos os bens temporaes eram momentaneos, e estão sujeitos aos contrastes da fortuna, os quaes Deus dava como dador de tudo, e os podia tirar quando fosse servido.

Com estes saudaveis conselhos lhe amançou a paciencia, dizendo-lhe, que não havia cousa mais facil do que buscar a ladra, e tirar-lhe o furto.

Com estes confortos cobrou Cosme algum alento, e se esforçou muito mais vendo a Eufrozina querenada, e lhe pareceu que se tinha enganado, e que não era tão enorme como se lhe tinha representado. E dando Leocadia as senhas dos covis da fugitiva criada, saíram Cosme e Aleixo em procura d'ella, aonde os deixaremos, para na terceira parte darmos a ler aos curiosos o infeliz exito que teve este enganoso casamento, e o modo por que o Manhoso Cosme em breve se viu sem bens, nem mulher, servindo-lhe esta tragica scena de lhe apressar a morte; pois como era ambicioso, nos bens que lhe furtaram lhe levaram parte da vida.

Esperamos no complemento d'esta obra satisfazer o gosto aos curiosos leitores.

TERCEIRA PARTE

N'esta terceira e ultima parte, curiosos leitores, finalisa a vida e miseraveis acções, cavilloso casamento, roubos que lhe fizeram, e ultimo fim que teve este mesquinho, sendo causa de tudo a sua muita ambição de querer amontoar riquezas sobre riquezas, o que tudo serviu para outrem se utilisar, vindo elle a acabar pobre e miseravel.

Deixamos na segunda parte a Cosme principiado a roubar, mas em parte consolado com os saudaveis, ou, para melhor dizer, enganados e cavillosos conselhos de Aleixo, o qual lhe fez facil o achar-se a ladra e fugitiva criada, em busca da qual sairam ambos; mas n'isto deram passadas escusadas; pois claro está que a ladra se não havia de metter em parte aonde com tanta facilidade dessem com ella, se bem que Aleixo fez esta busca com Cosme, mais por velhaco, do que por sincero; deram volta a todos os bairros, e de Leonor não acharam rasto. Desenganados com tantas buscas, deram volta para casa bem enfadados, e muito mais Cosme, vendo-se na dura necessidade de bulir no seu thesouro para acudir ás obrigações de casado, visto que a sua bolsa levára o mesmo caminho que o vestido. Não satisfeita a fortuna com este grande repellão, que deu no desgraçado Cosme, repetiu outros dentro de bem poucos dias, porque, como já disse, era bonacheirão, e muito mofino; isto bastava para ser infeliz.

Estando um dia comendo, bateram á porta dois criados, dizendo que seu amo beijava as mãos da snr.ª Eufrozina, e lhe pedia que tivesse a bondade de lhe remetter a prata, que lhe emprestára para a funcção do seu noivado.

Recebeu Eufrozina o recado, e a resposta não pôde ser outra, que entregar a grande baixella de prata, que tanto enchera as medidas e os olhos de Cosme. Elle se quiz fazer forte, dizendo que tudo quanto estava d'aquellas portas para dentro era seu, e lhe pertencia como dote de sua mulher; mas por fim de razão a prata foi para seu dono, depois de Cosme em vão quebrar a sua cabeça com gritos: cego e colerico entrou a dizer e a fazer destempatorios como homem sem juizo, queixava-se do engano, e ameaçava a Eufrozina com o divorcio. Ella, affectando humildade, lhe dizia que em logar de affrontas merecia finezas e estimações; pois o que tinha urdido só fora urdido a grangear um marido tão bom como elle, e que não podendo o matrimonio dissolver-se, era prudencia ter paciencia.

Que havia Cosme responder a isto, senão encolher os hombros? accommodou-se; mas nem por isso d'alli em diante comeu bocado com gosto. Aleixo comia e calava, e quando presenciava arruidos, se mettia, e introduzia a paz como melhor podia.

Ainda com estas desgraças se dera Cosme por contente com o cabedal que lhe ficava, e passára sua vida com socego, se a fortuna não continuára em perseguil-o; mas ainda elle não estava convalescido do passado golpe, quando a fortuna adversa lhe descarregou outros penetrantes.

Veio um armador pedir a Eufrozina os cortinados e tapeçarias, e juntamente o aluguer de tudo, do decurso de

tres mezes vencidos. Aqui acabou Cosme de perder a paciencia, e a não se metter no meio Aleixo, que era o iris das tormentas, desafogára sua cólera contra Eufrozina. Ella, vendo-se assim maltratada, chorava, e arguia de ingrato e desattento ao marido, dizendo-lhe que as mulheres da sua qualidade não se ultrajavam d'aquella sorte; pois que ainda em casos de honra eram excessivas as affrontas que lhe fazia. A isto respondia Cosme, que a sua honra era o seu dinheiro; mas com isto nada aproveitava, nem aproveitou, e não teve mais remedio que dar uma sangria á bolsa, e pagar ao armador, e entregar-lhe tudo que elle disse que era seu.

Aos gritos e vozes de Cosme acudiu um vizinho, dizendo que já não podia aturar os gritos e alaridos, que todos os dias se faziam nas suas casas, e que como via que cada dia ia a peior, os dava desde já por despedidos das suas casas, dando-lhes só vinte e quatro horas de prazo para procurarem outras, e lh'as darem despejadas, e que se fossem embora.

—Como embora!? respondeu Cosme: vossemecê é que se ha de pôr já na rua muito depressa; pois estas casas são minhas, como parte do dote de minha mulher.

O senhorio sorrindo-se, lhe respondeu:

—Não estou para quebrar a minha cabeça com loucos; digo-lhe em cortezia, que despeje as minhas casas; e se não entendera que está louco, lhe juro que a janella seria a porta por onde o fizera sair bem depressa para a rua...

Anojou-se tanto Cosme com isto que ouvia, que se a mulher e o sobrinho o não desenganam, e se não mettem de permeio, elle certamente fazia algum desatino. Mas que podia fazer Cosme n'este caso, senão calar-se, pois não tinha animo para outra cousa? Como desesperado saiu Cosme para a rua, e em seu seguimento Aleixo, por mandado de Eufrozina, para que com os seus conselhos o reportasse, o qual por bons modos lhe metteu na cabeça que fosse procurar umas casas, e que as alugasse. Com effeito conveio Cosme n'isso, e a poucos passos as acharam, e alugaram, ficando ajustada a mudança para o dia seguinte.

Voltaram a casa, e dando Aleixo conta á tia do succedido, ajustaram a mudança entre si. Na manhã do seguinte dia disse Eufrozina ao marido, que fosse para as novas casas esperar o fato, emquanto Aleixo ia a procurar quem o transportasse. Cosme, que nada tinha de retrincado, fez o que lhe disseram; e Aleixo, saindo a buscar homens que transportassem os trastes, os mudou todos em breve tempo, levando juntamente a Eufrozina e Leocadia; e assim se ausentaram, sem dizerem para onde.

Enfadado Cosme de esperar, veio a casa para conduzir os homens e a sua mulher, e não achando nas casas nem fato, nem gente, perguntou por ella aos vizinhos, os quaes lhe disseram, que já se fizera a mudança. Voltou á carreira ás novas casas, cuidando que o esperavam impacientes; e não vendo rasto d'elles, conheceu que de todo estava roubado. Então como doudo dava com a cabeça pelas paredes, e dizia:

—Oh! desgraçado de mim! Certa é a minha perdição! em maldita hora fiz este casamento, que tanto me tem custado! Aonde iria esta roubadora do meu remedio, que com tanto trabalho e á custa da minha barriga ajuntei, para agora ver tão maus gastos d'elle, tendo-o tão bem guardado para passar a vida com algum descanso?

Estas lastimosas queixas fazia o pobre Cosme; e com a mesma lamuria tornou a casa a informar-se pela vizinhança, que caminho tomára o seu fato; mas não achou outra noticia, que

a da certa fuga de sua mulher, sobrinho e criada, com toda a matalotagem. Cosme, no meio da roda de gente, que concorreu, estava attonito sem outra consolação, que dizerem-lhe todos que tivesse paciencia, que era remedio efficaz contra todos os males que podem assaltar a miseravel vida humana.

Como as esperanças animam no meio das desgraças, entrou Cosme a correr todos os bairros e entradas da cidade, não deixando rua nem travessa, em busca dos fugitivos, que lhe levavam o coração entre o seu dinheiro, sem achar noticia alguma, porque eram mais astutos que elle. Depois de muitas voltas e revoltas baldadas, encaminhou Cosme os passos para casa de seu amo, chorando o miseravel estado a que se via reduzido, sem real, e carregado com as dividas que fizera na compra das joias e do vestido, que á sua ingrata traidora dera.

Mas ainda aqui não pararam as desgraças de Cosme; pois lhe succedeu, como diz o dictado: *Perdigão que perdeu a penna, não ha mal que lhe não venha.* Saindo um dia para fóra, deu de cara a cara com a criada Leonor, e lançando-lhe as mãos lhe disse:

—Agora me pagas, ladra, o que me roubaste na noite em que fugiste de minha casa...

Respondeu ella, chorando, mas com grande firmeza de animo:

—Vejo o que vossemecê me diz; mas bem mostra que pagou mal ás espias, e bem receiava eu que em mim caisse o raio: logo que minha ama ordenou ao sobrinho que escondesse as joias e vestidos, mandando-me na mesma noite para os meus parentes (desgraçadas somos todas as que servimos para ganhar um bocado de pão para comer); e assim ouça-me vossemecê antes que me desacredite, attenda que sou mulher, e que estou innocente; e para que se me não siga descredito, entremos n'aquelle páteo, e saberá quem tem as suas joias e vestidos, pois bem sei já que suspeita mal de mim, e que minha ama foi quem me infamou de ladra.

Cosme, como já disse, não era malicioso, e vendo que a moça se desfazia em lagrimas, deu-lhe credito, e entrou com ella em um páteo, que alli estava, e lhe contou miudamente quem era Eufrozina, seus costumes, e o intento com que se casára com elle, que não fora outro senão roubal-o. Disse-lhe que Aleixo escondera as joias e vestidos no carvoeiro, e que lhe mandára, que quando seu amo dormisse, fosse ella para casa de seus parentes; porque assim convinha por certos respeitos, que ella bem entendera; mas que elles eram amos, e ella serva obrigada a obedecer a olhos fechados: e tudo isto confirmou com lagrimas, dizendo-lhe em muito segredo, que vivesse acautelado, para que o não roubassem de todo, e que no mais fizesse o que lhe parecesse; porque ella alli estava para tudo que fosse servido.

Cosme, não sabendo desembrulhar esta meada, se metteu em outra, dizendo:

—A bom tempo me avisas, quando já não tem remedio; porque tua ama fugiu com todo o meu cabedal. E contou-lhe quanto lhe tinha acontecido.

—Que me diz, senhor? isso é possivel! exclamou a moça. Não debalde tinha eu lastima de vossemecê; mas não me atrevi a fallar, porque quando se esconderam as joias e vestidos, disse eu á minha ama, que não désse a vossemecê sustos nem desgostos, e ella me descarregou alguns bofetões, e por isso me acobardei; porque o meu intento era contar-lhe tudo.

—Muito tarde me contas isso, lhe disse Cosme; quando já os meus roubadores desertaram, e não acho quem me dê noticias d'elles.

— Ai, senhor, disse a maliciosa criada; não lhe cause isso pena, que eu lh'os desencantarei, por mais escondidos que estejam, deixe isso por minha conta, e diga-me aonde o posso achar para o avisar quando for tempo.

E com esta facilidade achou meio de escapar-se.

É muito proprio dos maus, vendo um caído, ajudal-o a despenhar mais depressa, e os bons a crer logo quanto lhe dizem. Ouviu Cosme a criada, e dando-lhe credito, lhe pediu muito encarecidamente se compadecesse, e inquirisse onde se tinham embuscado os seus roubadores, promettendo-lhe que não ficaria sem premio. A criada animou-se com isto a estafal-o, pedindo-lhe algum dinheiro para repartir com as pessoas de quem se queria ajudar n'este descobrimento. O pobre Cosme se foi valer de um amigo (e não foi pouco achal-o um miseravel) e lhe emprestou dezeseis tostões, que metteu na mão da ladra, tornando-lhe a recommendar a diligencia. Disse-lhe ella que estivesse descansado, porque o que lhe tinha dado não o deitava em saco roto: e com estas mentiras artificiosas, e descarados enganos se despediu d'elle, para nunca mais elle lhe pôr a vista. Cosme se foi a chorar amargamente a sua desgraça em casa de seu amo, esperando pela criada, até que conheceu a cavillação.

Divulgou-se o caso entre os mais criados: uns o consolavam, e outros zombavam d'elle, dizendo: «Homem que não come por não gastar, furtando ao corpo, passando mal, padecendo fomes, miserias e desnudez, é bem que assim lhe succeda.» Quem mais o penalisou foi seu amo, o qual sabendo o tragico successo, que a Cosme tinha acontecido, por lh'o dizerem os mais criados, lhe deu em rosto com o seu infeliz casamento; advertindo-lhe (mas já sem remedio) que devia fazer exactas diligencias e um rigoroso exame de quem era a noiva; pois ninguem se casava sem informar-se dos teres, genio, honra e qualidades; e que só se casava ás cegas, sem haver estas averiguações, quem era do seu genio, misero e ambicioso; porque só olhava para a mobilia, a qual lhe tinha enchido tanto os olhos, que ficára com elles tapados para não ver o que mais devia olhar; mas já que a sua miseria e cegueira tinham em tal caído, e que já não tinha remedio, o não desampararia emquanto quizesse estar em sua casa.

Estes conselhos, como por modo de reprehensão, ouviu Cosme de seu amo, a quem agradeceu o querel-o conservar, sem ter que responder ao mais, pois conheceu que quanto lhe tinha dito eram solidas verdades. Estas advertencias, junto com a mofa que os companheiros d'elle faziam, penalisaram a Cosme no intimo do coração; e d'alli por diante nunca mais teve alegria nem saude, vivendo em um contínuo suspirar e gemer; mas o que o acabou de prostrar foi uma inesperada nova, que por ser a ultima, foi a mais sensivel.

Teve Cosme noticia certa que Eufrozina, sua mulher, fora roubada em uma estalagem, indo-se retirando com os roubos para a sua patria, na companhia do seu fingido sobrinho, para lá comerem com descanso o que ao pobre Cosme tanto trabalho tinha custado; e que o mesmo sobrinho tinha sido quem a tinha roubado n'aquella estalagem, onde tinham pernoitado no terceiro dia da sua fugida, ausentando-se o dito com a criada Leocadia, que tambem levavam de companhia, deixando a fingida tia em tal miseria e desamparo, que para seguir a sua infeliz e mal afortunada jornada, fez renuncia das galas, perfumes, besuntos e enfeites, e continuou a caminhar a pé, valendo-se, para matar a fome, de ir pelas estradas e logares pedindo esmola:

e não faltou quem affirmasse a Cosme, que ella, vendo-se pobre e desamparada, adoecera no caminho, e com a vehemente pena que concebera, morrera.

Quando Cosme recebeu esta infausta noticia, lhe fez totalmente perder as esperanças de lhe tornar á mão o seu cabedal, e foi causa de caír de cama com uma febre aguda, a qual logo deu symptomas de ser a doença mortal; e vendo-se desenganado, e que era chegada a ultima hora, quiz dispôr-se para a esperar, cuidando em fazer os seus apontamentos, ou para melhor dizer, testamento, e não obstante o estar pobre, ainda d'esse pouco quiz fazer sua bem arrazoada repartição: cujo testamento, como ultima das suas memoraveis acções, prometto dar a ler aos curiosos: o qual finalisado que foi, expirou, deixando o mundo, mas de suas miserias uma perpetua memoria.

FIM